



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Albuquerque Batista de, Francisco José; Vasconcelos, Tatiana Cristina; Coelho Peçanha de Miranda,
Jorge Artur

Análise Psicosocial do Assentamento e seu Entorno

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 233-242

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817211>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Análise Psicossocial do Assentamento e seu Entorno

Francisco José Batista de Albuquerque^{1,2}

Tatiana Cristina Vasconcelos

Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Considerando que o processo de assentamento se completa quando há uma efetiva integração entre assentados e comunidade, objetivou-se comparar as crenças e expectativas existentes entre os pequenos produtores assentados e seus vizinhos. Foram realizadas cinco enquetes entre assentados e entrevistas individuais entre os vizinhos. Cinquenta e dois assentados e 53 pequenos produtores foram entrevistados. Os assentados descrevem seus vizinhos como desorganizados e acomodados, já os pequenos agricultores descrevem os assentados como invasores de terras e beneficiados pelo governo. Ambos descrevem o contato social com o exagero. Devido aos preconceitos existentes de lado a lado. Conclui-se que embora o assentamento tenha integrado os membros à comunidade, esse objetivo não foi alcançado, implicando a necessidade de uma política integradora para agricultores de forma homogênea, independente da maneira como lograram a terra.

Palavras-chave: Assentamentos; identidade social; preconceito.

Psychossocial Analysis of the Settling and its Surroundings

Abstract

We hereby aim at comparing the beliefs and the existing expectations between small-settled growers and their neighbors, either purchased or inherited small-properties, by taking into account that the settling process only gets completed when there is effective integration between settlers and the community. Five-two settlers and 53 small-property owners were interviewed. Groups and individual interviews were carried out concerning the history of their community, expectations and social contact. It was showed that settlers describes their neighbours as non-fighting-for-life disorganized people, while small-property owners describes settlers as government-benefited land invaders. Both of them describe the social contact with the exaggeration to the existing prejudices on both sides. We are there led to conclude that although settling aims at integrating the settlers to the community, such target is not attained. This points to the need for an integrating policy- so as to contemplate a form of treatment for growers- no matter how they managed to own the land.

Keywords: Settling; social identity; prejudice.

O processo de reforma agrária no Brasil é considerado como bastante complexo e difícil de entender e de superar. Sua análise tem como foco, principalmente, os fatores econômicos e sócio-demográficos, observando-se uma escassez de estudos que enfatizem os fatores psicológicos ou psicossociais dos diversos grupos diretamente envolvidos nesse processo, como os técnicos, os assentados e seus vizinhos. Isso deve ser considerado, pois a reforma agrária é um processo social que envolve a transformação de relações de poder, de propriedade e de identidade social.

moradores de pequenas parcelas, seja herança ou de compra.

Entre os assentados e os moradores de pequenas parcelas, ocorrem diferenças psicossociais, embora haja uma similaridade territorial e padeçam das mesmas limitações. Uns são bôias-friás, sem terras, enquanto os outros são proprietários rurais.

à análise dos fenômenos urbanos e dos seus habitantes (maiores detalhes, ver Albuquerque, 1994, 1996; Clemente & Albuquerque, 1998; Clemente, Albuquerque & Reyes, 1993). Não obstante, pode-se constatar que cada vez mais se faz necessária a presença da psicologia social para explicar e, quando for o caso, intervir no processo de mudança que está ocorrendo na realidade brasileira (Albuquerque, 2001).

A reivindicação do acesso à terra, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e por outras organizações, levou à implantação de numerosos assentamentos, ainda que com uma atenção limitada no que diz respeito às demandas (Jorge & Bergamasco, 1998). A palavra assentamento, enquanto substantivo, refere-se ao conjunto de famílias de trabalhadores rurais, vivendo e produzindo num determinado imóvel rural, desapropriado ou adquirido através do governo federal e/ou estadual, e com o fim de cumprir as disposições constitucionais e legais relativas à reforma agrária. Carvalho (1998) acrescenta a outros entendimentos que “a expressão assentamento é utilizada para identificar não apenas uma área de terra no âmbito dos processos de reforma agrária destinada à produção agropecuária e/ou extrativista, mas também um agregado heterogêneo de grupos sociais constituídos por famílias de trabalhadores rurais” (p. 7).

As pessoas e famílias assentadas passam por um extenso processo de construção de sua infra-estrutura social e econômica, depois de implantadas. Além disso, no assentamento, enquanto espaço social em reconstrução, as pessoas, algumas estranhas entre si, passam a interagir com os membros do próprio assentamento e com os moradores circunvizinhos. Como consequência dessas novas interações, podem surgir identificações ou conflitos, tanto intra como intergrupais. Neste contexto, algumas questões clássicas da psicologia social, referentes aos grupos e à formação da identidade social, podem ser aqui apresentadas. Algumas delas são: quando um agregado de indivíduos passa a ser considerado um grupo social? O que faz com que um grupo permaneça unido ou se desintegre?

Inicialmente, para que um coletivo se transforme em grupo, Bar-Tal (1996) afirma que existem três condições

surgido o caráter continuamente construído voluntário, os assentados, que antes constituíam um agregado, passam a ser considerados como grupo, em que os membros estão conscientes de sua identidade comum e que possuem uma nova identidade. De então, como aponta Lewin (1948), o grupo tem uma referência sobre a qual se apóia o indivíduo, instrumento para satisfazer suas necessidades. Essa relação intragrupo que se inaugura, fortalecimento das interações no assentamento, necessariamente estendida aos demais grupos. Um exemplo disso acontece com os pequenos grupos que habitam as circunvizinhanças do assentamento, que pertencem a um grupo que anteriormente já se encontrava territorialmente e com metas formuladas, podendo ocorrer conflitos intergrupais. Desse modo, o que sucede entre esses grupos só tem importância, tanto para a psicologia social quanto para o bem estar de seus membros, sendo importante que se estabeleçam entre eles para que possa existir uma convivência pacífica e com relações homogêneas.

Na análise do comportamento intergrupal, que depende das normas de grupo, os estudos de Sherif (1961) são uma das perspectivas mais importantes. Segundo os resultados desses estudos se caracterizam basicamente por um experimento de determinadas relações funcionais entre os grupos que interagem, sejam elas de cooperação ou de independência, para se ter efeitos na conduta intergrupal. Como acrescenta Sherif, observou que, quando são estabelecidas relações apenas para um grupo, ocorrem conflitos, preconceitos e discriminações grupais.

Para se proceder a uma análise dos processos de interação entre os assentados e seus vizinhos, não basta analisar a relação funcional entre estes grupos, mas é necessário considerar outro aspecto importante na formação da identidade social.

ajuda a compreender os processos intra e intergrupais, e oferece uma visão única de um amplo conjunto de condutas individuais e sociais. Nesse sentido, esta teoria pode contribuir, de maneira considerável, para a análise psicosocial dos fenômenos ocorridos nos assentamentos e em seu entorno. Isto acontece porque, em função das suas características, os assentamentos propiciam um ambiente no qual a construção de uma identidade social encontra o seu solo mais fértil.

A Teoria da Identidade Social (TIS) aponta que os atores sociais adotam uma identidade pessoal, e que também constróem uma identidade social que reflete sua pertença aos vários grupos aos quais crêem pertencer. A Identidade Social é definida por Tajfel como sendo a parte do autoconceito de um indivíduo, derivado de seu conhecimento de sua pertença a um grupo ou grupos sociais, e unido ao valor e significado emocional desta pertença. As identidades sociais em forma de categorias, como nacionalidade, religião, gênero, profissão, entre outras, constituem partes importantes na formação do autoconceito, pois é através delas que as pessoas percebem a si mesmas e ao mundo que as rodeia (Bar-Tal, 1996).

Especificamente, em um determinado assentamento, as interações sociais que as pessoas estabelecem entre si, assim como com as diversas pessoas e famílias que vivem fora do assentamento, possibilitam-lhes estabelecer uma multiplicidade de tipos de categorias sociais. Muitas dessas pessoas e famílias acabam por se identificar entre si em função das afinidades que supõem existir entre elas (Carvalho, 1999). A identidade social como um grupo constitui-se a partir das vivências e percepções compartilhadas por este grupo no espaço e no tempo, sendo um produto histórico-social percebido subjetivamente por cada pessoa e alcançada na interação. É através desta identidade que o ator social orienta suas condutas, organiza seus projetos, constrói sua história e busca resolver suas contradições em interações constantes com outros atores sociais. Sendo uma construção social, deve-se supor que esta identidade se define por oposição a outros atores, estando pautada não somente em função do endogrupo, mas também do exogrupo (Montero, 1996).

excludente, para realizarem uma de recursos limitados, os indivíduos na tarefa e acabam favorecendo grupo frente a um do exogruppo.

Considerando esse aspecto, a de que todos têm uma necessidade individual positiva e que o sentimento de pertença ajuda a consegui-la. O permanece num contínuo processo avaliando o endogrupo de maneira exogrupos (Drigotas, Insko & Scandura, 1994), que Turner (1994) aponta a terceiro nível, quando os membros avaliam o próprio grupo e se avaliam a si mesmos positivamente.

Para a melhor compreensão da organização de um grupo, é de fundamental importância o entendimento de fatores compostos por exemplo, a liderança e a coesão. A coesão de um líder se dá a partir da posição dos indivíduos na sua estrutura. Na hierarquia, a liderança surge através das interações entre os membros, quando os membros percebem um determinante para o sucesso do grupo, sendo aquele que mais contribui para os objetivos do grupo. Com relação ao sucesso, a liderança é determinante para o sucesso do grupo, pois pelos indivíduos integrantes da organização. Um grupo coeso tem mais chances de sucesso, com uma vasta história de êxito. A coesão é diferenciado de outros devido à existência de uma maior coesão entre os membros, a produtividade e a satisfação (Jesusino, 1996).

Reportando ao assentamento os meses ou anos em que ficaram precárias, as dezenas ou centenas de famílias que se encontram no assentamento identificam-se com um mesmo objetivo comum, que é a posse da terra. Para chegar a esse objetivo, faz-se necessária a luta, que, de forma individual, nenhum deles consegue vencer sozinho, mas que, juntos, conseguem vencer ao seu próprio pedaço de chão.

A coesão existente entre os membros do assentamento não implica que haja uma maior aproximação ou entendimento com os outros pequenos agricultores que, embora vizinhos, não participaram do movimento para a consecução do assentamento (Albuquerque, 2000). Os agricultores circunvizinhos sentem-se como uma comunidade à parte do assentamento, tanto por sua origem, quanto pelos benefícios que aos outros são disponibilizados, como crédito para construção da moradia, custeio e investimentos a baixo custo e com carência, assistência técnica, além da organização e apoio políticos presentes. Os assentados e as famílias circunvizinhas apresentam grande heterogeneidade de histórias de trabalho e amplo senso de vida, em decorrência não somente das diferentes relações sociais de produção e de propriedade em que estavam inseridos, mas também pelos contextos histórico-sociais em que se encontravam, como pessoas e como famílias. Há diferenciações pelo grau de organização corporativa que tenham conseguido alcançar em determinadas conjunturas, no âmbito das suas lutas reivindicatórias ou pela intensidade dos conflitos sociais que tenham vivenciado. Ademais, como afirma Carvalho (1999), existe uma diferenciação na memória de vida, sendo importante destacar que cada grupo social tende a aviltar o outro. Ademais, quanto mais importante for a identidade social e mais forte a ligação com o endogrupo, mais se reage com preconceitos a outros grupos, o que dificulta e impossibilita a prontidão para manter contato social com o exogrupo (Martinez, 1996).

Como mencionado anteriormente, o assentamento terá obtido seu objetivo, na medida em que deixe de se diferenciar da comunidade que o cerca, passando a integrá-la, produzindo e participando do seu dia-a-dia. Contudo, este objetivo aparentemente óbvio não é de fácil assimilação, nem pelos técnicos dos órgãos governamentais encarregados da sua implementação, nem pelos próprios assentados, nem, tampouco, pelos pequenos proprietários não-assentados. As razões para isto prendem-se tanto a fatores de ordem institucional, quanto a fatores psicológicos que dizem respeito à formação da identidade social dos diversos atores. Notadamente, a proximidade entre os assentados e os agricultores circunvizinhos é de suma importância para a integração social.

estimulada a partir de algumas contribuições da psicologia social que facilitem essa integração. O primeiro passo é o conhecimento das crenças e expectativas dos diversos atores envolvidos no processo. Pode-se tentar estabelecer uma metodologia que combine os objetivos de integração, tão necessários para a afirmação de todo o processo de reforma agrária (Albuquerque, 2000).

Diante do exposto, objetivou-se, especialmente nessa pesquisa: 1) analisar as crenças e as expectativas dos assentados e dos pequenos produtores quanto ao seu futuro e o de sua comunidade; 2) analisar as crenças e as expectativas dos produtores vizinhos sobre a integração ao assentamento; e 3) conhecer acerca da relação entre assentados e pequenos produtores.

Método

Hipóteses

Considerando os objetivos explicitamente existentes acerca dessa problemática, foram formuladas as seguintes hipóteses: 1) os assentados possuem crenças e expectativas relacionadas à sua comunidade que os fazem perceber positivamente que os produtores vizinhos, que irão perceber-se como mais bem organizados e com maior nível de vida do que os pequenos produtores vizinhos, que serão considerados acomodados; 2) os pequenos produtores vizinhos perceberão os assentados como invasores e invasões privilegiados pelo governo; e 3) as percepções das três hipóteses afetarão negativamente as relações sociais intra e inter-grupais.

Participantes

A amostra foi constituída por 100 assentados distribuídos entre assentados ($n=52$) do assentamento São Benedito, situado no município de Espírito Santo, e agricultores circunvizinhos a este assentamento, sendo divididos de acordo com o sexo e a idade (Tabela 1).

Instrumento

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semidirigida, com o objetivo de estimular a verbalização dos participantes sobre os seguintes temas: história da comunidade, relacionamentos e conflitos com as comunidades vizinhas, expectativas sobre o futuro da comunidade e expectativas sobre o futuro profissional.

Procedimento e Análise dos Dados

O assentamento Dona Helena foi escolhido porque em seu entorno existe uma elevada densidade de pequenos agricultores rurais. Inicialmente, procederam-se visitas prévias ao assentamento, a fim de esclarecer aos líderes comunitários os objetivos da pesquisa, sendo solicitada a permissão para que o trabalho fosse realizado com os seus moradores. Após a autorização, foram marcados, com os moradores, os locais de reuniões para a realização da coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada através da *Técnica de Grupo Focal* e de entrevistas individuais. A necessidade da utilização de entrevistas se deu porque, em alguns casos, os participantes tiveram que ser entrevistados individualmente, pois as características da comunidade, com casas a quilômetros de distância, impossibilitaram a realização de grupos focais. Todavia, em ambas as técnicas, a fim de que fossem evitados viéses, foi utilizado um procedimento padrão, no qual os pesquisadores foram responsáveis pela amostra de homens, enquanto as pesquisadoras ficaram responsáveis pelas mulheres.

O grupo focal é uma técnica que visa, tal como a entrevista, possibilitar que os indivíduos expressem suas opiniões, crenças e atitudes. Além disso, por ser constituído por um grupo de pessoas, possibilita a discussão sobre o tema que for iniciado pelo facilitador e uma maior visão da dinâmica intragrupal dos participantes. Para a sua realização, recomenda-se que seja

constituído por um número de 10 a 20 pessoas. Esta técnica não busca o debate entre os participantes, mas sim a participação direta do facilitador, que deve ter bem definidos os objetivos de investigação, para o conhecimento. Cabe mencionar que é fundamentalmente diretivo (Papalia e Gargiulo, 1996; Krueger, 1996).

Os grupos focais foram realizados pelos próprios moradores, com suas residências. Seguindo o protocolo, pesquisador assumiu o papel de informante, informando que não existiam regras, que os dados seriam tratados anônimamente e introduziu uma conversa relacionada ao tema, depois realizar as perguntas. O pesquisador assumiu o papel de observador, realizando a observação sem interferir no grupo, ou seja, sem interferir o mínimo possível. As discussões foram gravadas com a permissão dos participantes, através da Técnica de Análise de Gravação.

Resultados e Discussão

Com o intuito de facilitar a sua compreensão, foram discutidos na seqüência em diversas tabelas. Inicialmente, objeções encontradas entre assentados ao assentamento, no que se refere à sua permanência no local, seu futuro e ao futuro de sua comunidade, são apresentados na Tabela 2.

Com relação às Expectativas agricultores vizinhos ao assentamento abordados sete aspectos: *Trabalho/Educação*, *Água/energia*, *União*, *Saúde*, *Trabalho/Continuidade*, os asse-

Tabela 2
Expectativas em Relação ao Futuro

freqüência de 26 respostas. Esses dados revelam a importância que os assentados concedem a esse fator, no que concerne à continuidade em permanecerem morando na terra. Percebe-se também uma preocupação em gerar empregos, tanto para os filhos como para pessoas externas ao assentamento, sendo este um objetivo da maioria dos assentados. Pode-se observar que, na comunidade vizinha, este aspecto não foi contemplado. Por outro lado, com relação ao aspecto *Posse da Terra*, ocorre o inverso. Isto se dá devido ao fato de que, entre os assentados, a posse da terra já foi alcançada legalmente, enquanto os produtores circunvizinhos ao assentamento, embora tenham sua terra para plantar, ainda se preocupam com a legalidade e com a possibilidade de terem direito a uma maior extensão de terra.

O aspecto *Educação*, ou seja, ter assistência educacional de forma contínua na comunidade, foi uma das expectativas positivas apresentadas tanto pelos assentados quanto pelos moradores circunvizinhos ao assentamento, com nove respostas no primeiro grupo e cinco no segundo grupo. Este fato se deve à percepção de que a educação servirá para possibilitar aos jovens pequenos agricultores, independentemente do grupo de pertença, uma melhor qualidade de vida no futuro. Entretanto, cabe destacar que, para os assentados, a educação é vista como algo que contribui para que seus filhos trabalhem de maneira mais eficaz na própria terra. Já para os produtores vizinhos, a educação contribui como possibilidade de que os jovens trabalhem na cidade, fora da terra em que residem. Dessa maneira, percebem a educação como meio de elevação social e ascensão ao mercado de trabalho, o que, para eles, se daria na cidade e não na terra.

Outro aspecto igualmente ressaltado como expectativa positiva para os dois grupos, foi ter *Água/Energia* na sua comunidade: seis respostas foram apresentadas pelos assentados e cinco por seus vizinhos. Apesar das diferenças em relação à posse da terra, observou-se que os pequenos produtores têm claro que, em suas comunidades, a falta de

prevalecendo os objetivos individuais se Nessa ocasião, cada subgrupo, seja ele fã de outro tipo, realiza suas tarefas independentemente do grupo em geral. Em função disso, diminuem as reuniões para as tomadas de decisões: se antes elas eram quase diárias, agora passam a ser quinzenais ou mensais. Uma vez que essas reuniões constituem um dos fatores que favorecem a identidade grupal, esta identidade tenderá a se enfraquecer. Neste sentido, estes dados demonstram a expectativa dos assentados, de que a “união” é algo que logrem seus objetivos. Por sua vez, os produtores vizinhos esperam para o fato de que os não-assentados não se considerem um grupo com expectativas com relação ao futuro.

No que se refere à *Saúde*, encontra-se forte expectativa quanto à união endogrupal e ao alcance de metas comuns. Apenas cinco respostas revela que os assentados esperam condições físicas e mentais para lutar a fim de lograr seus objetivos.

Um aspecto igualmente importante resulta da expectativa que foi descrito como a necessidade de melhorar a vida em busca de melhores empregos e condições de vida. Cinco respostas revelam que os assentados e cinco moradores vizinhos ao assentamento.

Com relação às Expectativas Negativas, encontra-se, apenas entre os agricultores vizinhos, a expectativa de *Sem Objetivo de Vida*, com uma freqüência de 10 respostas. Este aspecto contempla o sentimento de desespero existente entre os moradores vizinhos, que não acreditam em melhorias na sua condição de vida, apesar de que os assentados não terem expectativas.

Diante do exposto, dois resultados aparecem como mais salientes: o que diz respeito à expectativa de que os assentados continuarem trabalhando em sua comunidade, e a expectativa ou objetivo dos pequenos produtores vizinhos de que os não-assentados se considerem um grupo com expectativas com relação ao futuro. Estes e outros resultados devem ser levados em conta para a elaboração de políticas públicas que visem a melhoria das condições de vida dos assentados e dos moradores vizinhos ao assentamento.

Tabela 3
Avaliação dos Pequenos Agricultores Vizinhos sobre a Organização do Assentamento

Organização do assentamento	Comunidade
Avaliação positiva	União/luta 13
Avaliação negativa	Liderança 8 Desorganização 1
Não sabem	6

Os participantes realizaram uma Avaliação Positiva com relação à organização do assentamento, ressaltando dois fatores: 1) consideram os assentados como um grupo *Coeso* e que *Luta* para conseguir seus objetivos, com um total de 13 respostas; e 2) devido à existência de um *Líder* entre os assentados, com um total de oito respostas. Este resultado aponta que, da mesma forma que os assentados, os pequenos proprietários percebem a importância da coesão endogrupal para a dinâmica social da comunidade, ressaltando que estes aspectos faltam à sua comunidade. De modo geral, todos os participantes acreditam que a coesão e a presença de um ou vários líderes podem contribuir para que exista um direcionamento na tomada de decisões grupais, pois os líderes possibilitam o processo de desenvolvimento da comunidade. Esta crença está de acordo com a afirmação de Jesuíno (1996) de que a coesão contribui positivamente para o grupo.

No que diz respeito à avaliação negativa da organização do assentamento, encontrou-se apenas uma resposta dada pelos pequenos proprietários, e que considera o assentamento como desorganizado, mesmo quando existe um líder. Muitos desses participantes não souberam avaliar a organização do assentamento, afirmando que não conhecem nada a respeito, por nunca terem ido até um assentamento. Daí, o que se pode concluir é que os pequenos proprietários têm pouca ou nenhuma relação com os moradores do assentamento.

A fim de conhecer a dinâmica social existente entre os

considerado agradável, com os diferentes situações e por motivos de que os proprietários em relação aos assentamentos possuírem apoio do Estado para que significava algo que eles não recebiam.

Sobre a avaliação negativa de dois aspectos na avaliação feita por pequenos proprietários. No primeiro, de *Acomodados/Desorganizados*, observou-se falta iniciativa, por parte de seu grupo, na busca da concretização dos sete critérios de liderança, associação e coesão grupo, que somaram 28 respostas. O segundo aspecto, que foi categorizado como *Não-Praticante*, que nem sempre os agricultores proprietários da terra que utilizaram nestes resultados, confirmou que os assentados percebem a si mesmos politicamente do que os pequenos agricultores percebem seus vizinhos como inseguros e sem coragem para lutar pelos direitos de mais terras para trabalhar.

Em contrapartida, os peq.

Tabela 4

Avaliação dos Assentados e de seus Vizinhos sobre o Contato Social Estabelecido com o Exogrup

Tipo de contato social com o exogrupo	Freqüências	
	Assentamento	Comunidade vizinha
Negativo/esterótipos	16	—
Benéfico	9	3
Nenhum	—	6
Superficial	—	5

psicológico entre os grupos, uma vez que, fisicamente, existem todas as condições de distância para que eles possam ter contatos entre si.

Por fim, com o objetivo de conhecer outros aspectos da interação entre os grupos envolvidos no processo de assentamento, procurou-se conhecer como é o contato social estabelecido entre assentados e pequenos proprietários vizinhos ao assentamento (Tabela 4).

Entre os assentados, foram abordados dois aspectos: 1) Contato *negativo*, devido ao fato dos pequenos agricultores atribuírem a eles adjetivos depreciativos, tais como violentos, ladrões de terra e baderneiros, com um total de 16 respostas; e 2) Contato *benéfico*, por afirmarem ter boa relação com seus vizinhos, com uma freqüência de nove respostas.

Diante do exposto, pode-se verificar que, em sua maioria, os assentados consideram que a relação com os pequenos proprietários não é positiva. Para os assentados, seus vizinhos não apresentam disposição para manter qualquer tipo de contato e ainda os chamam de ladrões de terra, vagabundos e baderneiros, sendo este o motivo principal pelo qual preferem manter distância. Estes aspectos confirmam a hipótese de que as percepções que um grupo tem de outro afetam negativamente o contato social.

A esse respeito, também se observou que os assentados manifestaram o interesse em manter isolamento em relação às comunidades circunvizinhas. Na visão dos assentados, uma vez que a falta de entendimento entre essas duas comunidades é marcante, quanto menor o contato, melhor deve ser para o

assentados, com seis respostas; 2) *Superficial*, que ocorre entre os grupos, mas este contato se dá supostamente sem nenhuma intimidade, na feira, na igreja, com os vizinhos, comparecendo com cinco respostas; e 3) *Nenhum*, entre os assentados e os pequenos agricultores vizinhos, que afirmam que mantêm contatos entre si, e os consideram benéficos. Nas três respostas apresentadas, os vizinhos afirmaram que benefícios são obtidos com os assentados.

De acordo com os resultados encontrados, é possível verificar a existência de conflitos entre os assentados e seus vizinhos. Carvalho (1982), que contemplado este aspecto em seus estudos, constatou que entre os assentados e seus vizinhos existia uma desconfiança mútua e poucas afinidades. Os pequenos proprietários avaliam os assentados de forma negativa, considerando-os como ladrões de terras e violentos. Os assentados consideram os pequenos proprietários desorganizados e acomodados, indicando que os vizinhos têm um aspecto positivo sobre a comunidade vizinha, que é gerado por conta dos assentados que já tinham uma experiência de contato com os moradores de fora do assentamento. A visão dos assentados sobre os vizinhos mostra de acordo com a afirmação de Sherif et al. (1968) que os conflitos não são gerados por intrigas personais, mas constituem algo mais global, ocasionado por diferenças de recursos, pela diferenciação entre as metas e objetivos, e pela diferença da identidade grupal acentuada (ver, por exemplo, Tajfel, 1973; Turner, 1981).

Apesar da existência de conflitos e estereótipos entre os

Conclusão

Neste estudo, partiu-se da premissa de que o assentamento poderá alcançar seu objetivo maior à medida que os assentados deixem de se diferenciar da comunidade que os cerca, passando a integrá-la e produzindo para a sua subsistência e comercialização. Pode-se verificar que este objetivo não tem sido alcançado, pois o preconceito e o conflito intergrupal estão muito presentes entre as comunidades envolvidas, quando o desejável seria justamente o contrário.

Apesar de parecer apenas psicológico, este problema é, acima de tudo, estrutural, haja vista a ausência de planejamento das políticas públicas voltadas para esta área, e de uma orientação unificadora das diversas comunidades envolvidas no processo de reforma agrária. Faz-se necessário trabalhar a micro-região como um todo, através da determinação de metas que, para serem alcançadas, necessitam do envolvimento e da cooperação, tanto dos assentados como dos seus vizinhos. Tal como foi verificado, realmente, o fato dos dois grupos estarem residindo numa mesma região não é condição determinante para que o envolvimento e a união aconteçam. É importante que sejam desenvolvidas atividades de trabalho, de lazer e de cultura, entre outras, que ajudem a diminuir a hostilidade e a manter a interdependência dos grupos aqui considerados. Através destas atividades, será possível o estabelecimento de normas e objetivos comuns, que contribuirão para relações menos conflituosas.

Outro aspecto importante é que, através dos recursos disponibilizados para o assentamento, sejam implantadas escolas, associações e postos de saúde, que possibilitem o maior contato social entre toda a comunidade, de forma que a região próxima ao assentamento seja também beneficiada. Tal benefício poderá ser auferido, não pela construção de prédios públicos, mas também pela concessão de créditos e assistência técnica para todos os agricultores, independentemente de serem ou não assentados.

Referências

- Albuquerque, F. J. B. (1994). *Analisis del desarrollo rural: psicología social*. Tese de Doutorado não-publicada em Psicologia Social. Universidad Complutense de Madrid.
- Albuquerque, F. J. B. (1996). Aspectos psicosociales de la cultura (pp. 95-104). São Paulo: Cooperativa Editorial.
- Albuquerque, F. J. B. (2000). *Aspectos psicosociales de los asentamientos e em seu entorno*. Relatório de Pesquisa.
- Albuquerque, F. J. B. (2001). Aproximación teórica y práctica a la investigación en zonas rurales. *Educación Rural*, 23(1), 233.
- Bar-Tal, (1996). Las Creencias Grupales como factores de la Social: Aproximaciones psicosociales a los grupos (pp. 25-285). Valencia: Promolibro.
- Bilig, M. & Tajfel, H. (1973). Social categories and behavior. *European Journal of Social Psychology*, 3, 371-382.
- Bonavigo, E. A (1998). *Produção Sócio-territorial e o Acampamento da Fazenda Amónio e no Assentamento*. Dissertação de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ.
- Carvalho, H. M. (1998). *Formas de associativismo e representações de grupo no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais no Brasil*. Wide Web: <http://www.dataterra.org.br/>
- Carvalho, H. M. De (1999). *A interação social e os processos sociais no cotidiano da vida social dos trabalhadores rurais na reforma agrária no Brasil*. Retirado em 05/04/2001 de www.dataterra.org.br/documents/home.html.
- Casal, C. H. (1989). *Estructura y Procesos de Gobernanza en las Cooperativas Agrarias*. Tesis de Educación a Distancia.
- Clemente, M. & Albuquerque, F. J. B. (1996). Desarrollo rural: estudio sobre formación y desarrollo social. In R. D. Vallejo & J. D. V. Pastor (Orgs.), *Controversias y aplicaciones*, (pp. 25-42). Madrid: Ediciones Cátedra.
- Clemente, M., Albuquerque, F. J. B. & Rebolledo, J. (1996). *El interior de las cooperativas agrarias y sus implicaciones para el crédito agrícola*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Drigotas, S. M., Insko, C. & Schopler, J. (1996). Un examen más detallado de la teoría de la discontinuidad. In J. F. Morales, D. Martínez & J. M. Pérez (Orgs.), *Identidad social: Aproximación a la continuidad y discontinuidad entre grupos* (pp. 355-378). Valencia: Promolibro.

- Montero, M. (1996). La Identidade social negativa: Un concepto en busca de la Teoría. Em J. F. Morales, D. Paiz, J. C. Dechamps, & S. Worchel (Orgs.), *Identidade social: Aproximaciones psicosociales a los grupos y a las relaciones entre grupos* (pp. 395-422). Valencia, ES: Promolibro.
- Myers, D. (2000). *Psicología social*. Rio de Janeiro, RJ: LTC.
- Sherif, M. (1984). Conflito e cooperação. Em J. R. Torregrosa & E. Crespo (Orgs.), *Estudios básicos de Psicología Social* (pp. 585-605). Barcelona, ES: Centro de Investigações Sociológicas.
- Turner, J. C. (1981). The experimental social psychology of intergroup behavior. Em J. C. Turner & H. Giles (Orgs.), *Intergroup Behavior* (p. 78). Oxford, England: Blackwell.
- Turner, J. C. (1994). El Campo de la Psicología Social. *Psicología Social* (pp. 17-28). Madrid, ES: McGraw-Hill.

Sobre os autores

Francisco José Batista de Albuquerque é Psicólogo, Doutor e Pós-doutor pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha. É Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba.

Tatiana Cristina Vasconcelos é Psicóloga, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. É Professora do Centro de Ensino Superior São Francisco e bolsista na Universidade Federal da Paraíba.

Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho é Psicólogo. É Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba.